

CURSO DE ARTE E LINGUAGEM COM MULHERES DA EJA

Maria Josiane Martins Ribeiro¹
Juliana Geórgia Gonçalves De Araújo²

RESUMO

A partir de uma observação para com a demanda de um projeto envolvendo arte e linguagens no Centro Educacional de Jovens e Adultos- Donaninha Arruda, localizado na cidade de Baturité-CE que surgiu o curso de aprendizagem do macramê; tipo de artesanato produzido a mão. Para tanto, foi formada uma turma composta por mulheres que hoje são parte integrante do coletivo Interlaços, este que promove a interação de comunidade interna da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira-(UNILAB) com comunidade externa. Nesse contexto, o supracitado curso teve como objetivo o desenvolvimento de uma proposta de oficinas de leitura crítica em uma perspectiva decolonial para a promoção do empoderamento feminino. E para as discussões dentro do grupo utilizamos um embasamento teórico de autores como: bell hooks (2021) e Freire (1991) no que tange discussões sobre ensino e sala de aula; Crenshaw (2002) e Collins e Bilge (2021) elucidando sobre interseccionalidade; Berth (2019) para engajarmos diálogos sobre empoderamento e Quijano (2005) norteados diálogos decoloniais. Entre outros nomes que discutem a dialética das relações de poder, das diferentes desigualdades, descentralização do eurocentrismo e possíveis transformações para uma educação como prática da liberdade. A metodologia adotada para a realização das ações teve um ciclo definido de escolha de tema, planejamento das atividades, discussões sobre: empoderamento feminino, sustentabilidade, empreendedorismo e a produção do macramê. Os resultados deste trabalho são relevantes para promoção da tecnologia social e reverberam na inserção de mulheres no espaço escolar.

Palavras-chave: EJA; Linguagens; Arte; Empoderamento.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literatura-ILL, Discente,
josianemartins98@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente,
jgeorgia.araujo@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A desigualdade de oportunidades entre mulheres e homens ainda evidencia um grande desafio para a sociedade brasileira. Historicamente as mulheres são submetidas de forma naturalizada a situações de descasos, como a exemplo, desistências nos estudos para submeterem às sobrecargas de trabalho dentro e fora de casa, dificultando, de certa forma, o acesso a direitos que lhes são garantidos por lei, como a educação. De acordo com a Constituição Federal, fica assegurada que a democratização da educação não se resume apenas ao acesso à instituição educativa, mas compreende o binômio acesso e permanência, com êxito. A manutenção dos estudos significa qualidade da educação. Tão logo, a Constituição Federal assegura a liberdade de condições para o acesso e permanência na escola conforme: art. 206, inciso I- a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. Todavia ainda é inexistente a permanência do público de mulheres em espaços educacionais bem como o acesso a esses lugares também não chegam para muitas. Os fatores advindos da falta de acesso e permanência são diversos, é possível citar os eixos de gênero, raça e classe, faixa etária, territorialidade entendendo-os como fatores interseccionais que não podem ser compreendidos de formas isoladas. O acesso a espaços de conhecimentos e de poderes ainda é historicamente dominado por um sistema cishéteropatriarcal e branco. E mesmo com algumas mudanças contemporâneas de representatividades ainda é insuficiente e distante uma equidade de mulheres nos lugares de maior prestígio ou de tomadas de decisões políticas. A interseccionalidade, principalmente sob o viés de Collins e Bilge (2021); e Crenshaw (2002), não visa analisar uma soma de identidades que gerou maior ou menor grau de opressão. A autora Crenshaw (2002) frisa, por exemplo, que a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p.177). Já as autoras Collins e Bilge (2021, p.17) postulam diálogos de como a interseccionalidade, pode ser uma ferramenta analítica, e que pessoas fazem uso dela quando percebem que precisam de estruturas melhores para lidar com os problemas sociais. Tão logo, neste trabalho, lançamos olhar analítico de como as desigualdades de gênero em espaços educacionais são pertinentes, e o empoderamento surge como necessidade constante de permanência nos lugares. Anterior ao empoderamento, é necessária uma discussão sobre poder, e de qual (ou para quem) poder é pontuado quando se fala de empoderamento. Para Hannah Arendt, conforme explicitado por Berth (2019), existe uma noção de poder baseada em uma ação coletiva, haja vista que o poder não é uma propriedade do indivíduo, logo se aplica na necessidade de empoderar grupos minoritários. Assim, à medida que se entendem o espaço educativo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir das subjetividades e coletividade, de certa maneira, garante-se o empoderamento das alunas e a compreensão de que essa modalidade de ensino promove, além da elevação de escolaridade, territórios de socialização, de mudanças e de transformações da realidade. Caso observado com as participantes do curso de Arte e Linguagem no Centro Educacional de Jovens e Adultos Donaninha Arruda. É através da carência de espaços nos quais estimulem consciência crítica que esta pesquisa se inseriu com o objetivo de desenvolver rodas de conversas a partir de leituras críticas com um grupo de mulheres participantes do curso de Arte e Linguagens do Centro Educacional Donaninha Arruda, localizado na cidade de Baturité-Ceará, curso este que trouxe o artesanato macramê para ser repassado nos encontros como ponto também de discussões sobre empoderamento, sustentabilidade, empreendedorismo, autocuidado, entre outros.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, de acordo com Minayo (1994), pesquisas qualitativas preocupam-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações,



dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O que se enquadra no contexto aqui apresentado por ser um trabalho vivenciado no cotidiano escolar, com pessoas que compartilharam de conhecimentos e experiências. Possui caráter descritivo, partindo do viés dos diálogos das entrevistas semiestruturadas e por ter como objetivo verificar como foi para as integrantes participar do curso. Para alcançar os objetivos propostos, primeiramente, este trabalho buscou utilizar da pesquisa-ação, devido ao curso ter realizado um trabalho de práticas voltadas para o estímulo de partilha dos conhecimentos interdisciplinares entre linguagem e arte. Quanto aos procedimentos, optamos pela pesquisa-ação por considerarmos que a presente pesquisa é concebida e realizada em estreita associação com uma ação e com a resolução de um problema coletivo, bem como as pesquisadoras e as participantes representativas da ação estão envolvidas de modo participativo. A pesquisa-ação acontece quando há interesse coletivo na resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa-ação também é considerada uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curso de arte e linguagem ocorreu no período de 20 de maio de 2022 a 22 de dezembro de 2022, os encontros aconteceram no CEJA Donaninha Arruda, contando com a participação total de 11 integrantes. Ele se configurou em módulos e as temáticas abordadas foram: Sustentabilidade, Feminismos, empoderamento, saúde mental, decolonização do ser, poder, saber, empreendedorismo e eventos de exposição. Para cada módulo era trazido uma discussão com essas temáticas e com a prática de elaboração do macramê como: estudo sobre a origem do macramê, tipos de cordas, como produzir de forma sustentável, aplicação de nós e produção de peças.

O grupo de inscritas formou, no decorrer do curso, um coletivo que foi nomeado de “Coletivo Interlaços”. Entre as onze participantes do coletivo, três são discentes da UNILAB, uma professora da UNILAB, duas estudantes da EJA, e cinco corresponde a comunidade externa na qual relataram terem se afastado da escola desde muito cedo para trabalhar ou por motivos da maternidade ter interferido na permanência dos estudos. Convém destacar que o histórico dessas participantes diz respeito a mulheres que retomaram para sala de aula em busca de aprender algo novo, como o artesanato com macramê. Em discussões realizadas em sala a participante M.F.G.L. justificou que seu retorno para escola foi porque “Precisava de um conhecimento. Muito ruim ficar sem estudar, de ler, escrever, e porque gosto muito de arte.”. Mais relatos surgiram pontuando o retorno aos estudos para a retomada ao mercado de trabalho. A aluna M.L.C.S. pontua: “Eu gosto muito de macramê e quero arrumar um emprego para ajudar minha família”. Os motivos do retorno à sala de aula, e a busca de conhecimentos e aprendizados são respostas predominantes durante as discussões entre o coletivo. Outro fator importante é a troca mútua de conhecimentos e experiências, e no quanto o partilhar pode ocasionar caminhos múltiplos de aprendizagens. Ademais a criação de um coletivo é o reflexo do impacto resultante do quanto uma sala de aula pode transgredir vidas em coletividade. Foi neste sentido, que o curso Arte e Linguagem resultou em relatos relevantes de mudanças sociais de vida de pessoas que antes estavam afastadas de espaços, não só educacionais, mas sociais de interação. A participante (I. F. de L. 46 anos) ao resumir em uma palavra sua participação no curso e no coletivo Interlaços diz: “Pra mim a palavra é ‘renovação!’ Eu vivia dentro de uma rede, eu não vivia, eu vegetava. Então é renascimento e gratidão por conhecer pessoas maravilhosas.” Esse compartilhamento vai de encontro com o que a intelectual bell hooks nos repassa sobre



a sala de aula, mesmo com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades e construção conjunta de uma comunidade. A Comunidade, diz hooks (2021, p. 179), “[...] é a unidade dentro da diversidade [...]”. E essa diversidade pode resgatar os sentidos de viver e conviver em sociedade.

CONCLUSÕES

Com o trabalho realizado, foi possível perceber que as participantes do curso se engajaram na prática de envolvimento interdisciplinar da Arte e Linguagem, público que, embora inseridas em uma cultura sexista de desigualdades, se tornaram participantes ativas no processo educacional, enfrentando obstáculos para o acesso e permanência no espaço escolar e na cidade que vivem. Obtivemos resultados singulares da promoção do empoderamento feminino. Tais como relatos de resgate a vida social, e a mudanças coletivas de ouvir e serem ouvidas. Outro resultado foi a movimentação e a presença assídua das integrantes em eventos, exposições e feiras no maciço de Baturité. Quanto a mudanças diárias também surgiram novas práticas, como por exemplo, a comunicação presencial e virtual a partir da promoção de peças. Ao realizarmos uma entrevista com as participantes, pudemos constatar o empoderamento delas baseado no debate acerca das relações de raça, classe, gênero, idades, territorialidade, entre mais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de IC – Pibic, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, ao Centro Educacional Donaninha Arruda-CEJA, e ao Coletivo Interlaços pela parceria e integração para com a existência do curso.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da distinção racial em relação ao gênero. Revista **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, pág. 175,2002.

Direito à educação na Constituição Federal. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/83/educacao-2/direito-a-educacao-na-constituicao-federal>. Acesso em 10 de agosto de 2023.

MINAYO, M.C.S. (1994). **O desafio do conhecimento científico: Pesquisa Qualitativa em Saúde** (2a edição). SP-RJ: Hucitec-Abrasco.



Prodanov, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. - 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos / Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. Rev. **Educação & Realidade**, v. 25, n.2, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 10 agosto de 2023.